

VIAGEM A SÃO SARUÊ: UMA VIAGEM UTÓPICA

NEIDE MEDEIROS SANTOS*

*Gloria al latin che disse: Navigare
é necessario; non é necessario vivere.*

D'Annunzio

Fernando Pessoa abre o poema *Palavras de Pórtico* com uma frase gloriosa dos navegadores antigos: *Navegar é preciso; viver não é preciso*. De forma parafrásica, ele modifica a frase dos navegadores antigos e afirma que *Viver não é necessário; o que é necessário é criar*. É também dentro da parafrase que ousamos dizer: necessário não é criar; necessário é viajar. Assim, com o espírito de navegador-viajante, vamos fazer um passeio pelo país de São Saruê.

Vejamos, inicialmente, algumas informações sobre o folheto *Viagem a São Saruê* e seu autor Manoel Camilo dos Santos. A primeira edição de *Viagem a São Saruê* traz a data de 1956. O autor, Manoel Camilo dos Santos, poeta popular, nasceu no início deste século, em Guarabira, cidade do interior da Paraíba e morreu em Campina Grande, onde viveu seus últimos anos de vida. Foi o criador da editora A Estrela da Poesia e nela publicou inúmeros folhetos. A edição que consultamos foi publicada em 1981, em convênio com o MEC/Pronasec Rural/Secretaria de Educação do Estado da Paraíba e UFPB. O folheto que contém dez páginas, com xilogravuras na capa e nas páginas 3, 5, 6, 7 e 9, segue o tamanho normal dos folhetos 15 cm x 11 cm. Para descrever este lugar ideal, o poeta utilizou trinta e uma estrofes em sextilhas, com versos em redondilha maior e duas estrofes em décimas, com versos decassílabos.

* Doutoranda do Programa.

No que se refere à temática, *Viagem a São Saruê* é um folheto representativo do Ciclo da Utopia e apresenta inúmeras afinidades com o folheto *Viagem ao Céu*, de Leandro Gomes de Barros.

Vamos, agora, tomar "o carro da brisa" e conhecer o local utópico criado pelo poeta popular.

São Saruê é uma cidade localizada à beira-mar, com mar revolto e dunas. O poeta descreve a sua chegada à cidade:

*Ao surgir da nova aurora
senti o carro parar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revolto banhando
as dunas da beira-mar.*

(estrofe 9)

*Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.*

(estrofe 10)

*Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: São Saruê
é este lugar aqui.*

(estrofe 11)

Em São Saruê não existe preocupação com trabalho e dinheiro. Todos vivem felizes, sem contrariedades e têm tudo sem precisar trabalhar. Uma das estrofes do poema é bem elucidativa:

*O povo de São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro a vontade.*

(estrofe 13)

No interior do Nordeste, por causa das secas constantes, a água é considerada um líquido precioso e água não falta neste lugar decantado pelo poeta. Duas sextilhas do poema são dedicadas ao elemento água que aparece metamorfoseado em leite, mel de abelhas, coalhada, vinho do porto e banho da mocidade.

Vejamos:

*Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagos de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.
(estrofe 15)*

*Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.
(estrofe 29)*

A abundância de água soma-se à fartura alimentar. Convém ressaltar o gosto pela culinária nordestina. Duas estrofes do poema comprovam a fartura e o gosto pela cozinha regional do Nordeste:

*As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.
(estrofe 16)*

*Maniva lá não se planta
nasce em vez de mandioca
hota cachos de beiju
e palmas de tapioca
milho a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.
(estrofe 21)*

Feijão e arroz já vêm prontos sem nenhum trabalho para o homem ou mulher. Aves e peixes vêm para a mesa assados ou guisados.

Roupas e sapatos se encontram nas árvores; são pés de casimira, brim borracha e tropical, nycron, linho e o famoso diagonal. Todas as roupas vêm prontas. Os sapatos da moda dão em cachos e o dinheiro é encontrado nas cascas e nas folhas das árvores. Quanto mais se tira dinheiro, mais aparece.

No que se refere à educação escolar, os meninos nascem sabendo ler, escrever e contar. As mulheres são todas *formosas, bem-educadas, decentes, bem trajadas e amistosas*. Velhice não existe. O banho da mocidade devolve a juventude a todos. Não há fome nem doença.

E o leitor ou ouvinte poderá perguntar: Que país é este? A resposta poderia ser o verso de um poema de Olavo Bilac *Criança! Não verás nenhum país como este* ou este país só pode ser São Saruê.

Resta-nos ainda um pequeno comentário a respeito do início e do término do folheto. O poeta inicia o poema com um convite do Doutor mestre pensamento para Camilo visitar o país de São Saruê e termina com um pedido do próprio Camilo ao leitor ou ouvinte para comprar um folhetinho. Tanto na primeira estrofe como na última, há o predomínio da linguagem conativa.

A transcrição das duas estrofes do folheto confirma o que afirmamos:

*Doutor mestre pensamento
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o País São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
(estrofe 1)*

*Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quiser ir para lá
posso ensinar o caminho
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.
(estrofe 33)*

Michel Schneider (1990: p. 20), em *Ladrões de palavras* afirma que... sob um certo aspecto, a história da literatura é a histórias das repetições, do já escrito.

Partindo deste princípio, *Viagem a São Saruê* nos remete a textos anteriores, como *Uma viagem ao céu* de Leandro Gomes de Barros, *No País de Tudo Grande* de Francisco de Souza Campos e a textos posteriores: *Aventuras em São Saruê*, de Origenes Lessa e a um fragmento do grande poema-cordel de Marcus Accioly - *Guriatã: um cordel para menino*. Neste cruzar e entrecruzar de textos eruditos e populares, podemos ainda lembrar *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos.

Nos textos citados, o sonho de uma viagem imaginária, o desejo de encontrar um país, uma ilha, um lugar idealizado, demonstram que uma utopia pode se tornar possível através da imaginação, da criatividade do poeta, como se comprova do excerto de *Guriatã: um cordel para menino*, do poeta pernambucano Marcus Accioly:

LXVIII

(Da toada-alagoana)

*Bela ilha - bela ilha
maravilha
nunca pensei fosse assim
em vez do mar corre um rio
ai, navio
soca de cana e capim
não tem espaço nem tempo
mas o vento
se faz brisa e sopra em mim.*

*Cunaviais e palmeiras
capoeiras
capoeiras - cocurutas
mata-anã- selva-nanica
chuva em bica
açúcar-algodão das frutas
riachos de queijo leite
mel azeite
e igrejas dentro das grutas.
Pão-doce serve de telha
mel-de-abelha*

*corre da cisterna à tacha
café é bolo-de-goma
que se tome
com tijolo de bolacha
manjar se come em gamela
ilha bela
se perde quem não te acha.*

*Macaxeira mandioca
tapioca
cuscuz pamonha canjica
milho-verde - coco-verde
para a sede
tem água até em barrica
garapa doce confeito
pelo jeito
não existe ilha tão rica.*

*Barreiras de rapadura
calda pura
catolé - coco-dendê
pão-de-lé - bolo-de-massa
uva passa
bolo-rolô e manuê
bela ilha - bela ilha
maravilha
Terra de São Saruê.*

(Accioly, 1980).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCIOLY, M. *Guriatã: um cordel para menino*. [Ilust. Dila] Rio de Janeiro: Ed. Brasil-América, 1980.
- PESSOA, F. *Seleção poética*. Pref. de Maria Eliete Galhoz. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- SANTOS, M. C. dos. *Viagem a São Saruê*. João Pessoa: MEC/PRONASEC RURAL - SEC/Pb - UFPb. FUNAPE, 1981.
- SCHNEIDER, M. *Ladrões de palavras*. Trad. Luiz Fernando P.N. Franco. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.